PAISAGEM, TRAJETÓRIAS ESPACIAIS JUVENIS E MOVIMENTO HIP-HOP

Priscila Mocelin Lara (PIBIC/Fundação Araucária), Almir Nabozny (Orientador), Lucas Renato Adami (Co-orientador). E-mail do orientador: almirnabozny@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/DEGEO/SEXATAS

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (7.00.00.00-0). Subárea: Geografia Humana (7.06.01.00-3)

Palavras-chave: Abordagem qualitativa, espaço público, *graffiti*, paisagem, pichação.

Resumo

A pesquisa de Iniciação Científica (IC) problematizou a relação entre pichação (arte conceitual/intervenção artística) e a paisagem urbana em Ponta Grossa/Paraná, a qual sucedeu-se com uma investigação bibliográfica e de campo, de caráter qualitativo na perspectiva de Bauer e Gaskell (2008). Desta maneira, foram realizadas pesquisas em redes sociais e, como "certificação metodológica" efetuou-se quatro entrevistas com pichadores, afim de uma aproximação com os sujeitos em que se constatou através de uma análise de conteúdo (BARDIN, 2011), elementos pontuais da temática analisada, como a relação socioespacial entre o pichador e a cidade, os componentes abstratos e políticos expressos nas intervenções na paisagem e os vínculos entre sujeito, lugar atinente a ação/ motivação para a manifestação estética/política.

Introdução

A presente pesquisa iniciou-se com uma proposta de analisar as trajetórias juvenis do movimento Hip-hop e suas relações com a paisagem, seja com o RAP ou com o Graffiti. Entretanto, o foco da pesquisa se voltou apenas para a trajetória de pichadores e grafiteiros (envolvidos ou não com o movimento hip-hop da cidade) e a paisagem urbana de Ponta Grossa, analisando tais intervenções como artísticas e conceituais a partir da interpretação da paisagem, justificando a mudança pela proposta interdisciplinar que se deu entre a pesquisadora da IC ser do curso de Artes Visuais e o projeto de pesquisa estar ligado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG.

Segundo Jean-Marc Besse (2014), a paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores. Ela é sempre por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, em papel ou no solo.

Homens e mulheres desde os primórdios da humanidade modificam a paisagem de acordo com suas vivências, pensamentos, crenças e necessidades e, em meio disto, surgem sujeitos que denominamos artistas. Os artistas externam seus sentimentos e seus protestos materializando e modificando "coisas" do/no mundo, seja numa tela, num muro, na argila, etc. Besse (2014) salienta que "a paisagem é também uma forma de ver e imaginar o mundo", assim como a arte.

> Toda paisagem é cultural, não essencialmente por ser vista por uma cultura, mas essencialmente por ter sido produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas, sociais), e segundo valores que, de certa forma, ela simboliza. (BESSE, 2014, p.30).

Em uma apreensão banal a pichação é associada ao ilegal, o sujo e marginal. Entretanto, a pichação possui ampla complexidade. Estudiosos e praticantes da cultura Hip-Hop mencionam os anos 70 em Nova York (EUA) como o início do movimento, onde, por exemplo, o Graffiti é forjado, mais precisamente as tag's, que muito lembram a pichação brasileira. A maior referência nos primórdios dessa cultura de tag's é o jovem TAKI 138. Taki era um jovem de 17 anos de origem grega que se chamava Demétrius, ele trabalhava como *officeboy* e começou a espalhar seu nome em todos os lugares que percorria. As tag's se espalharam tão rapidamente pela cidade de Nova York que a mídia começou a associar o graffiti à desordem urbana vinda da periferia (SZACHER, 2012).

> Desta forma, intensificou-se a relação do graffiti com o hip-hop, originada no contexto da Nova York dos anos 70. [...] O graffiti tornou-se uma ferramenta política de intervenção urbana, apesar de seu uso não estar vinculado exclusivamente a questões dessa natureza. (TARTAGLIA, 2014, p.68).

Assim, o graffiti se espalhou para outras cidades dos Estados Unidos, da Europa e até chegar ao Brasil, sendo uma expressão visual da cultura Hip-Hop que se espalhou pela paisagem urbana das grandes cidades, adquirindo um aspecto político de resistência e de "arte marginal".

No Brasil o Graffiti e a Pichação têm diferenças: primeiro na legislação, que considera crime a pichação[1], diferenciando-a do grafite. Até maio de 2011, ambos eram considerados crimes ambientais com a pena de detenção de 03 (três) meses a 01 (um) ano, e multa, quando o ato for realizado em monumento ou em propriedades tombadas, em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico (patrimônios). Diferencia-se o grafite da pichação no caso quando o grafite é realizado com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante "manifestação artística", quando é permitida pelo proprietário ou quando em local de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

Não obstante, para chegarmos à Pichação de Ponta Grossa, investigamos a cidade, os locais em que mais ocorrem pichações e buscamos o contato com os pichadores, para que os mesmos contassem suas motivações para realizar o ato da pichação pela cidade. Para compreendermos tal finalidade, procuramos entender toda a história do graffiti, tanto no aspecto da arte como geográfico-artístico (GEO – GRAFIAS).

Materiais e Métodos

Para iniciarmos a pesquisa, foi feita uma investigação bibliográfica do tema Paisagem, utilizando como principal referencial teórico Jean-Marc Besse (2014), a fim de compreender a forma como o espaço é organizado pela comunidade,

[1] BRASIL. LEI Nº 12.408, DE 25 DE MAIO DE 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menor de 18 (dezoito) anos. Fonte: . Acesso em 11 de abril de 2018.

entendendo como as representações e os valores culturais compõem a sociedade. Com Leandro Tartaglia (2014) entendem-se as diferenças entre Graffiti e Pichação, suas origens e o fenômeno urbano do graffiti, através de um olhar geográfico. Levantamentos históricos sobre Graffiti e Pichação foram utilizados com base em Szacher (2012) e Prosser (2010). Na pesquisa de campo, ocorreu um breve mapeamento dos locais com maior quantidade de aparições de graffitis e pichações, como as áreas próximas ao centro, áreas muito movimentadas e locais abandonados.

Quando vemos pichações pelas ruas, em sua maioria é difícil identificar seus autores e uma excelente forma encontrada para localizar pichadores foi uma busca pela Rede Social *Instagram*. Notou-se que muitos se apropriam das redes sociais para divulgar seus trabalhos, muitas vezes artesanal e independente. A rede social se torna uma aliada para muitas pessoas que não tem condições financeiras para divulgação em grandes mídias. No caso da pichação, a motivação da postagem de suas tag's é a mesma que de qualquer outra forma de arte ou de trabalho: ganhar notoriedade.

Tendo acesso a vários perfis de pichadores, foram contatados seis pichadores residentes de Ponta Grossa, dos quais quatro aceitaram participar da pesquisa, realizando entrevista através de questionário de maneira virtual. As entrevistas foram realizadas em março de 2018 e os pichadores entrevistados foram: 1. VNS. Morador do Jardim Paraíso, 17 anos; 2. Tom, apelido SOK, faz parte da *crew* (grupo de grafiteiros) VDPONTA. Morador da Vila Cipa, 24 anos; 3. Caio, apelido CDM. Morador de Olarias, 22 anos; Jackson, apelido Pássaro. Morador da Vila Rio Verde, 24 anos.

As perguntas da entrevista se nortearam nos temas Pichação, Arte e Paisagem, buscando os locais e frequência das pichações pela cidade, também suas motivações e pretensões, a relação do pichador com a cidade, a relação com a rede social *Instagram* e a diferença entre Pichação e Graffiti.

Resultados e Discussão

Com os resultados das entrevistas, baseado na análise de conteúdo de Bardin (2011) foi elencado cinco grandes temas abordados na entrevista, de acordo com as respectivas informações mais relevantes fornecidas pelos pichadores, que foram as seguintes: 1. Locais para Pichações; 2. Relação com a cidade/população comum 3. Relação com rede social (*Instagram*); 4. Motivações; 5. Diferença entre Pichação e Graffiti.

Sobre os locais onde os pichadores mais gostam de pichar, as respostas foram os vagões de trens ou locais onde o dono permite. Notou-se que os pichadores possuem motivações parecidas para realizar a prática da pichação, como uma "válvula" de escape, sensação de liberdade, expressão artística e adrenalina. A relação com a rede social levantada nas entrevistas evidenciou muitos fatores importantes, pois a maior motivação das pichações em trens e nas publicações fotográficas tem ligação com a visibilidade desejada pelo pichador.

Em relação com a sociedade em si, em como sua pichação afeta a população, um entrevistado mostrou indiferença, já que para ele a pichação é uma linguagem entre os próprios pichadores. Os outros entrevistados relataram uma vontade de provocar e de afrontar, já que sabem que a pichação não é bem vista pela sociedade, tal fato evidencia novamente a motivação em pichar em locais com maior circulação de pessoas.

Na última categoria analisada, sobre a diferença da pichação e do graffiti, a maioria dos entrevistados citam a parte artística e da elaboração de ambos, a pichação é feita de forma mais rápida, sem uso de cores. Já o graffiti é mais trabalhado e geralmente, feito com permissão do dono do local ou com autorização da prefeitura. Uma interessante questão levantada por um dos entrevistados é a questão que a Pichação só existe no Brasil. Em outros países, o graffiti é uma coisa só, independente de autorização ou não.

CONCLUSÃO

Cada um lê o mundo de uma forma diferente, de acordo com suas percepções, cultura e experiências. Através de vários pontos de vista, a paisagem e a arte transmitem significados com diferentes formas, cores, cenários, cheiros e ritmos.

A investigação da pichação pontagrossense permitiu notar sujeitos que se expressam através de escritas nos muros da cidade, cada um com uma motivação e sentimento diferente, que interviram na paisagem da cidade em busca de visibilidade e pertencimento. Todavia, frisa-se que para Besse (2014) a noção de paisagem também pode ser vista, de forma mais abrangente, como *representação cultural*, coletiva e/ou individual. Concluiu-se com a pesquisa, em que pese as motivações individuais que a pichação na paisagem de Ponta Grossa é uma representação cultural de um determinado grupo, que tem anseios pessoais claros e que sabem e utilizam da história do Graffiti, como base e influência para suas intervenções.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a UEPG e a Fundação Araucária pelo financiamento da pesquisa, através de bolsa de iniciação cientifica. Gratidão ao meu orientador Almir Nabozny que aceitou-me na pesquisa mesmo sendo de outra área, sabendo da minha grande vontade de pesquisar sobre o tema. Agradeço também ao Lucas Adami, que sempre se prontificou a ajudar-me e orientar, sempre disponível para compartilhar livros, referências e ideias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, M. W; GASKELL, G (orgs.). **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BESSE, J.M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PROSSER, E. S. **Graffiti Curitiba**. Curitiba: Kairós, 2010.

SZACHER, A. (org.). **Estética Marginal** - Volume 2. São Paulo: Zupi, 2012.

TARTAGLIA, L**. Geograffitis**: Uma leitura geográfica dos graffitis cariocas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.